

## Entrelinhas da Memória: o Brasil na Literatura Portuguesa

Wellington Teixeira Lisboa<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta um breve panorama sobre as imagens do Brasil propagadas na literatura portuguesa, desde a Carta de Pêro Vaz de Caminha até as produções atuais. Posicionando os textos literários como manifestações artísticas imbricadas aos contextos sócio-históricos e culturais, refletiremos, nessa perspectiva, sobre a identidade brasileira, século a século, (re)construída no imaginário social português.

**Palavras-chave:** Brasil. Portugal. Literatura. Imaginário.

A literatura constitui um documento histórico valioso para se compreender que representações uma sociedade constrói acerca de um determinado tema. Inscrita em temporalidades distintas, esta manifestação artística permite não apenas discriminar os tipos de relacionamento que se estabelecem entre culturas diversificadas, como também clarificar o conjunto de imagens e sentidos que configuram paisagens identitárias do Nós e do Outro.

Em seu estudo crítico sobre as imagens recíprocas que as literaturas portuguesa e brasileira vêm, respectivamente, produzindo sobre o Brasil e Portugal, Vieira (1991) centraliza sua análise na intrínseca confluência entre textos literários, memórias e imaginários coletivos e contextos sócio-históricos e culturais. Perspectivando os vínculos centenários existentes entre esses dois países, este autor enfatiza que as representações do Brasil propagadas na literatura portuguesa, desde a *literatura de viagens*<sup>2</sup>, simetizam-se aos referenciais imaginários que, século a século, são partilhados no tecido social português.

Pêro Vaz de Caminha, por exemplo, na Carta descritiva do “achamento”<sup>3</sup> da Terra de Vera Cruz, enviada ao rei D. Manuel em Maio de 1500, exteriorizava a simbologia que aquela ‘terra nova’, posteriormente denominada Brasil, ocupava no imaginário português e europeu da época. A visão edênica, assente na cultura mercantil do Velho Continente, é notória em diversas citações da Carta, nas quais se exaltam os atributos daquela terra tropical e

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra/Portugal. Aluno especial do Programa de Doutorado em Sociologia na Universidade de São Paulo (USP). Endereço eletrônico: [wflisboa@yahoo.com.br](mailto:wflisboa@yahoo.com.br).

“selvagem” (como sendo boa, de bons ares, de infindas águas, com frondosos e exuberantes arvoredos e animais de beleza rara). Como também considera Pacheco (2004), essas descrições indicam o que o homem ocidental quinhentista, personificado por Caminha, “supunha de um eldorado, de um éden perdido, que fazia parte do imaginário da época” (PACHECO, 2004, s/p.).

A definição das características inerentes aos habitantes da Terra de Vera Cruz, inclusive, procedia dos valores culturais, estéticos e morais dos europeus, o que se pode notar nas referências arroladas pelo escrivão de bordo quanto à limpeza e aos corpos dos nativos, especialmente das nativas<sup>4</sup>, e quanto ao comportamento daquela população, retratada como inocente, alegre e dócil. São, pois, essas concepções “que vão sugerir um ambiente cheio de possibilidades de desfrute e permissividade dos prazeres ainda por serem usufruídos em contato com estes nativos” (PACHECO, 2004, s/p.). Embora vinculadas às ‘admiráveis’ especificidades da grande terra tropical e, conseqüentemente, à oportunidade de exploração desmesurada de suas riquezas naturais, as impressões sobre a Terra de Vera Cruz também ensejavam noções alusivas ao universo simbólico da “selvageria” e, por assim dizer, da “perdição humana” (VIEIRA, 1991; SEABRA, 2000). Nesse sentido, ainda que ‘inocentes’ e ‘dóceis’, conforme os definiu Caminha, os habitantes da Terra de Vera Cruz, vivendo em tão incomum lugar, em nada se assemelhavam aos modelos e valores ocidentais do mundo tido como civilizado, provocando constante sensação de desconfiança e estranhamento nos portugueses.

E andavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós andávamos entre eles (...) Enquanto ali, este dia, andaram, sempre ao som dum tamborim nosso dançaram e bailaram com os nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus (CAMINHA, In: CORTESÃO, 2000, p. 24-26).

São essas conotações relativas à imprevisibilidade do Outro desconhecido, visto pelo colonizador como um “ser” irracional, instintivo e bárbaro, que também compuseram a matriz de sentidos para que o vocábulo Brasil, pela primeira vez, fosse citado na literatura portuguesa. A referência aparece na obra intitulada *Auto da Barca do Purgatório* (1518), de Gil Vicente, quando a personagem *Marta*<sup>5</sup>, após travar diálogo com o *Diabo*, é condecorada com a salvação de *Deus*, que a absolve do castigo de ser exilada no Brasil. Acresce que, no século XVI, o Brasil era o destino dos degredados criminosos e dos indivíduos que se opunham às ordens do Império, fato que explica, segundo Vieira (1991), o motivo para tal menção nessa peça vicentina.

No decurso dos séculos XVI e XVII, ainda eram raras as narrativas publicadas a respeito da grande colônia imperial, uma vez que Portugal, receando a invasão marítima de outras nações, não tinha interesse em divulgar a existência da nova terra “descoberta”. Inclusive nos anos de 1700, apenas os escritos dos jesuítas aportavam na metrópole do Império, relatando as singularidades do Brasil e o processo de catequização dos ameríndios. Como demonstra Vieira (1991) as cartas do Padre Manuel da Nóbrega e do Padre José de Anchieta constituem um dos poucos registros literários daquele período sobre o Brasil e seus habitantes. Deste modo, com exceção dos documentos oficiais, das informações dos viajantes e das narrativas e relatos de naufrágios, a literatura portuguesa produzida até o século XVIII não dispensou tanto interesse à colônia imperial, já que prevalecia uma forte política de sigilo que, evidentemente, visava ao monopólio português sobre as terras d’além-mar.

É no século XIX, contudo, que o Brasil passa a atrair a atenção da elite letrada portuguesa, com Almeida Garrett a defender que a ex-colônia, com seus virgens cenários e atributos pitorescos, constituía importante tema a ser explorado na arena literária<sup>6</sup>. As obras deste escritor difundiam imagens de um Brasil exótico, tropical, tecendo narrativas focadas na natureza, na fauna, no indígena, na linguagem e, inclusive, nas questões sociais daquela nova nação independente<sup>7</sup>. Em *O Brasil Libertado*, ode escrita em 1821, e em *Komurahy*, uma de suas novelas inacabadas, escrita provavelmente entre 1828 e 1833, mas apenas publicada em 1956, é possível notar a atração de Garrett pelo Brasil e seu especial interesse pelos ameríndios e pelo contraste Natureza e Civilização, numa lógica bem a gosto rosseauiano<sup>8</sup>.

Em *O Brasil Libertado*, este poeta, referindo-se a Cabral e a Colombo, questiona: “Que quereis dessas terras inocentes? – Ouro! – Responde a sórdida / Cobiça do homem. – Ouro! – Ah fome indigna” (GARRETT, 1829, p. 63 apud VIEIRA, 1991, p. 79). Já no parágrafo de abertura de *Komurahy*, este autor faz a seguinte afirmação: “O europeu não conhece a natureza: (...) Florestas do Novo Mundo! Solidões Magníficas, onde a voz do homem corrompido não quebrou ainda o silêncio augusto do deserto” (GARRETT, 1956, p. 146 apud VIEIRA, op. cit., p. 81). Assim, e como atesta Ribeiro (1999), conquanto as imagens do Brasil fossem geralmente listadas a despeito das realidades e dos valores europeus, os textos garrettianos propunham a exaltação de tudo quanto se manifestasse como genuinamente brasileiro, outrora inviolado pela civilização, indo ao encontro dos ideais de liberdade tão propugnados por este autor.

Mesmo com a Independência do Brasil, grande parte da produção literária portuguesa continuava expressando sentimento de superioridade em relação à ex-colônia. Exceto os interesses de Garrett, o Brasil ainda não granjeava muita atenção dos intelectuais portugueses,

apenas simbolizando um destino promissor para a expansão comercial portuguesa e para a emigração massiva daquela população que, cruzando mares do Atlântico, rumava ao auspicioso “paraíso dourado”. De acordo com Alves (2000), o Brasil era o terreno mais fértil para o imaginário português do século XIX e de até meados do XX, materializando o sonho do Eldorado que tanto instigou centenas de milhares de portugueses para o êxodo transatlântico. No dealbar de 1800, esses emigrantes, majoritariamente do sexo masculino, quase sempre jovens, e alguns ainda crianças, partiam especialmente às fazendas das Minas Gerais, região brasileira onde a extração de ouro e a intensa urbanização compunham cenários de prosperidade. No entanto, apesar de todo o simbolismo que o Brasil auferia no imaginário português oitocentista, o substrato de imagens acerca desse país era matizado por sólidas representações históricas, adensadas por raízes coloniais profundas (ALVES, 2000).

Naquele contexto, as novelas de Camilo Castelo Branco vão intensificar a representatividade literária do Brasil em Portugal, difundindo imagens pejorativas dos brasileiros, em particular da mulher brasileira, de paisagens tropicais e dos emigrantes portugueses que, paulatinamente, começavam a tornar a viagem para Portugal, os *brasileiros de torna-viagem*<sup>9</sup>. Na novela *A Neta do Arcediago* (1856), por exemplo, uma das personagens é uma sensual e depravada mulata brasileira que, em Portugal, dá à luz um filho de um nobre português. Devido às origens da mãe, o ‘filho da mulata’ torna-se um rapaz perdulário e motivo da desventura de muitas jovens, trilhando um percurso de vida, na concepção deste autor<sup>10</sup>, tipicamente brasileiro, isto é, pleno de superficialidade, malandragens e imoralidade. Estereótipos como esses são também reproduzidos no romance *A Corja* (1880), no qual uma das protagonistas, uma mulher nascida no Brasil, de nome *Pascoela*, casa com um português emigrante, com o qual parte para Portugal. Naquele país, a vida da brasileira é preenchida com festas e adultérios, causando a inevitável derrocada do homem português. Longe da companhia da esposa, o *torna-viagem* imagina como poderia ser a sua vida no Brasil, como se nota no seguinte excerto:

Diziam-se frases cortadas de beijos, dum madrigalesco de bordel, em que a Pascoela se avantajava na graça muito gaiata de carioca, umas brasileirices inflamatórias que pareciam feitas de aromas de banana, trilos de sabiá e essência de môscas-verdes (BRANCO, 1960, p. 683 apud VIEIRA, 1991, p. 87).

Nesse sentido, para além dos cenários sarcasticamente retratados por Camilo, acentuando visões de uma terra exótica, ociosa, como uma “proverbial terra de leite e mel” (VIEIRA, 1991, p. 86), também eram recorrentes os inúmeros estereótipos de brasileiros,

taxados como atrasados, indolentes e ineptos, e as críticas sobre a língua falada nesse país, mais conhecida como *brasilismo*<sup>11</sup>. Em 1879, na obra intitulada *O cancionero alegre de poetas portugueses e brasileiros*, Camilo censurava os escritores do Brasil pelo uso de vocábulos e expressões à brasileira, opondo-se a qualquer liberdade na sintaxe. Dirigindo-se ao autor brasileiro Fagundes Varela, o literato português argumentava que, “em poesia, um sabiá não substitui a sintaxe e as flores do ingá que rescendem no jequitibá não disfarçavam a corcova dum solecismo” (BRANCO, 1984, p. 127). Desdobrando sua crítica, este autor, em *Obras Selectas* (1960), profere:

Os senhores escritores brasileiros, que me enviam prelecções de linguagem portuguesa, se me quiserem obsequiar dum modo mais significativo e proveitoso, mandem-me um papagaio, uma cutia e alguns frascos de pitanga. Quanto à linguagem, muito obrigado, mas não se incomodem (BRANCO, 1960: 948 apud VIEIRA, 1991, p. 100).

Eça de Queiroz foi outra personalidade literária do Portugal oitocentista que não mediu esforços em tecer comentários depreciativos quanto às referências brasileiras. No periódico satírico *As Farpas* (1872), por exemplo, este escritor faz a seguinte descrição do brasileiro:

[...] grosso, trigueiro com tons de chocolate, modo ricaço, arrastando um pouco os pés, burguês como uma couve e tôsko como uma acha, pescoço suado, colete com grilhão, chapéu sobre a nuca, guarda-sol verde, a voz fina e adocicada, ar desconfiado e um vício secreto. [...] Nos lábios finos, a palavra Brasileiro tornou-se um vitupério: o sr. é um brasileiro! A sua convivência é um descrédito plebeu: ninguém ousa ir para um hotel onde se alojam brasileiros e onde eles arrastam os seus sapatos de liga, falando baixo e solitários das coisas di lá: ninguém se abrasileiralha a ponto de frequentar os cafês onde eles num descambado sonolento, bocejam apoiados aos guarda-sóis [...] Nenhuma qualidade simpática e de fino relevo se supõe no brasileiro: não se lhe supõe espírito, como não se supõe aos negros corredios cabelos loiros; não se lhe supõe coragem, e eles são, na tradição popular, como aquelas abóboras de agosto que sofreram todas as soalheiras da eira: não se lhe supõe distinção – e eles são, na persuasão pública – os eternos toscos achinelados da rua do Ouvidor. [...] Tudo o que é ou faz, tem uma cauda de gargalhadas; se negoceia, aparece como o dono di navio, personagem grotesco das comédias de feira. Se pertence à nobreza é suspeito de se chamar barão de Suriquitó ou conde de Ipátápá! Se fez a guerra uma universal risada ecoa, e todos lembram o grito célebre – quebra esquina, minhá genti! Se fala aquela estranha linguagem que parece português – com açúcar, a hilaridade estorce-se. [...] E o Brasileiro tornou-se assim para a raça latina, essa caduca sábia da ironia, – o depósito do riso! – Tal ele é! (QUEIROZ; ORTIGÃO. *As Farpas*, Fevereiro de 1872. In: MÓNICA, 2004, p. 390-391).

Esta crônica, denominada *O brasileiro*, fora recebida intrepidamente pela população brasileira, especialmente no Estado de Pernambuco, onde o texto de Eça serviu como estopim para mais atos *antilusitanos*<sup>12</sup> (CAVALCANTI, 1966). Em 1890, porém, quando de sua

reedição no livro *A campanha Alegre*, o conteúdo do texto fora substancialmente alterado por Eça, que conduzia as críticas não mais aos brasileiros natos, como sucedido em 1872, mas à figura daqueles que vinham sendo tão satirizados no cotidiano português, os *brasileiros de torna-viagem*. A conversão dos alvos de crítica, de fato, demonstra que sobre os brasileiros e os portugueses emigrados recaíam imagens pejorativas similares, decorrentes do conjunto de representações simbólicas que, no imaginário social português, fulgurava acerca do Brasil e seus nacionais (MACHADO, 2003).

Acresce que os *torna-viagens*, publicamente ridicularizados como fanfarrões e grosseiros, não mediam esforços em ostentar novos modos de vestimenta, diferenciados comportamentos e hábitos cotidianos, além de um sotaque linguístico assimilado no Brasil. Na acepção de Machado (2003), muitos dos estereótipos dos *brasileiros de torna-viagem* perduram como representações cristalizadas na memória coletiva portuguesa, condicionando as atuais dinâmicas de interação entre os portugueses e os variados ícones de uma suposta identidade brasileira em Portugal, vivamente negociada pelos brasileiros imigrantes naquele país<sup>13</sup>.

Vale também destacar que alguns literatos menos notáveis do século XIX demonstraram interesse pelo Brasil e os brasileiros como temática central de suas obras. Manuel Joaquim Pinheiro Chagas, autor da novela *A viagem Guaraciaba* (1866), e Luciano Cordeiro, escritor do *Livro de Crítica* (1869), reportaram o Brasil como uma terra grandiosa, abastada e virgem, prestes a ser explorada pelos europeus. Como os demais literatos daquela época, ambos criticaram a língua portuguesa falada no Brasil (VIEIRA, 1991). Já nos finais daquele século, em meio às contínuas manifestações de desprezo e superioridade por parte da elite cultural portuguesa, dá-se o início, em Lisboa, à publicação quinzenal da revista *Brasil-Portugal*, que objetivava estreitar os vínculos bilaterais. Dirigida por Augusto de Castilho, Jaime Victor e Lorjó Tavares, este periódico adotou o lema de “tornar conhecido o Brasil em Portugal e Portugal conhecido no Brasil” (PEIXOTO, 2000), publicando uma diversidade de reportagens de cunho político, religioso, econômico e artístico sobre os dois países. No entender de Vargues (2003), foi justamente esse polifacetismo que garantiu a popularidade da revista entre os públicos portugueses e brasileiros, um êxito transatlântico que perdurou de 1899 a 1914, último ano de sua publicação.

### **Os séculos XX e XXI: outras representações?**

Não obstante alguns relacionamentos pessoais e ações isoladas de instituições privadas, esboçadas na primeira década do século XX, o estreitamento das relações culturais

entre Portugal e Brasil apenas se sucedeu depois da Primeira Guerra Mundial. No Brasil, o jornalista Paulo Barreto, que escrevia sob o pseudônimo João do Rio, contactou intelectuais portugueses, pleiteando um relacionamento mais próximo e harmonioso entre os dois países e articulando a hipótese de publicarem, mensalmente, a revista *Atlântida*. Em 1915, em Lisboa, esta revista lançou sua primeira edição, sendo dirigida pelo escritor português João de Barros e patrocinada pelos Ministérios dos Negócios Estrangeiros de Portugal e do Brasil (VIEIRA, 1991).

Este periódico, que durou até os fins de 1920, objetivava divulgar informações artísticas, literárias e sociais relativas a ambos os países, encorajando o intercâmbio cultural e uma possível reciprocidade luso-brasileira<sup>14</sup>. A criação, em 1916, da disciplina *Estudos Brasileiros* na Faculdade de Letras de Lisboa<sup>15</sup>, por exemplo, teve grande cobertura pela *Atlântida*. Naquele mesmo ano, este periódico financiou viagens de intelectuais brasileiros a Portugal, objetivando o início de uma nova era da mútua “amizade” entre os dois países. Dentre as personalidades contempladas com essas viagens, cita-se Olavo Bilac (VIEIRA, 1991; DIMAS, 1999). Foi na *Atlântida*, inclusive, que Bilac e outros literatos brasileiros dispuseram de espaço para publicar seus trabalhos em Portugal, já que, mesmo com uma quantidade razoável de artigos, críticas e noticiários portugueses sobre o Brasil, não havia abertura, até aquele momento, para a participação dos escritores da ex-colônia<sup>16</sup>.

Durante o período modernista no Brasil<sup>17</sup>, firmaram-se alguns contatos entre intelectuais brasileiros e portugueses, muito embora o *antilusitanismo* brasileiro e o desconhecimento recíproco continuassem prevalecendo. As relações bilaterais que se fortaleceram entre esses grupos de intelectuais giravam em torno de figuras como Ronald de Carvalho, Eduardo Guimaraens, Luís de Montalvor, António Ferro, Mário de Sá-Carneiro, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfati e Cecília Meireles (VIEIRA, 1991). Em seu livro de memórias pessoais, Fernanda de Castro (1986) lembra os inúmeros convites para pronunciar conferências e participar de recitais de poesia moderna portuguesa no Rio de Janeiro. Acompanhada por António Ferro, seu esposo, e pelos amigos modernistas, esta escritora participou ativamente da Semana de 22, “aquela revolução literária em que a gente nova das letras e das artes, de sangue na guelra, a golpes de panfletos, de discursos, de artigos nos jornais, deu um golpe de morte nos conformistas, nos acadêmicos, nos botas-de-elástico” (CASTRO, 1986, p. 184).

No entanto, e não obstante os relacionamentos entre a elite cultural dos dois países, Vieira (1991) defende que os estereótipos sobre o Brasil continuaram a perpetuar-se no senso

comum português, pois aqueles intelectuais pouco fizeram no sentido de alterar, de maneira significativa, essas representações enviesadas em Portugal.

Na primeira metade do século XX, acentuava-se o movimento emigratório português para a antiga colônia, instigando os literatos portugueses a trabalharem, em suas obras, temas relativos à experiência desses emigrantes e os processos de inserção na sociedade brasileira. Paralelamente a essa temática, eram também frequentes as descrições das paisagens brasileiras, incluindo sua diversidade animal e vegetal. Destacam-se os trabalhos de Ferreira de Castro, com seus romances *Emigrantes* (1928) e *A Selva* (1930), e as obras de Miguel Torga, como *A Criação do Mundo* (1937) e *Traço de União* (1955). Como refere Vieira (op. cit.), as obras de Torga marcam a história da literatura luso-brasileira, porque este autor passa a recriar uma imagem do Brasil e dos brasileiros sem incidir em ressentimentos, ultrapassando, portanto, “os limites do seu próprio mundo cultural e, sobretudo, para manter viva a experiência extracultural” (VIEIRA, 1991, p. 163). Esse posicionamento de Torga quanto ao Brasil, fruto de sua experiência como imigrante neste país, é descrito no seguinte excerto:

Havia ainda quilômetros e quilômetros de cafezais, encostas plantadas de cana do açúcar, várzeas cobertas de arrozais, extensões enormes de mata virgem (porque o que eu vira eram simples capoeirões), montes e montes cobertos de capim, onde pastavam grandes manadas de gado, o engenho, a usina, o alambique, um rio do tamanho do Corgo – e pretos e pretas a torto e a direito (...) Nada do que aprendera em Agarez servia ali. Nem os ninhos eram iguais. Alguns, suspensos das árvores, pareciam lampiões pendurados. Os pássaros cantavam doutra maneira, os frutos tinham outro gosto, e, onde menos se esperava, havia cobras disfarçadas enormes, bonitas, sempre de cabeça no ar, à espera (TORGA, 1969, p. 121).

Assim, na primeira metade do século passado, os escritores portugueses testemunhavam a realidade da emigração portuguesa para o Brasil, mas não o faziam de maneira satirizada e caricaturada, como era comum nos textos de Eça e de Camilo. Embora também recriassem alguns estereótipos sobre a ex-colônia, esses escritores analisavam as dificuldades que os emigrantes portugueses comumente enfrentavam neste país, “onde injustiça, pobreza e trabalho árduo existem lado a lado com sucesso e fortuna” (VIEIRA, 1991, p. 153)

Na segunda metade do século XX, Aquilino Ribeiro, autor de *Mina de Diamantes* (1958) e de *Quando os Lobos Uivam* (1958), destaca-se como um dos literatos que elege o Brasil como tema de suas obras. Nesta última narrativa ficcional, este autor oferece-nos um quadro contextual das imagens que a sociedade portuguesa continuava reproduzindo sobre o Brasil, explicitadas a partir da trajetória de vida do protagonista *Manuel Louvadeus*. Esse



emigrante, ao tornar a viagem para Portugal, descobre que a sua experiência no Brasil constituir-se-ia um estorvo para sua felicidade na terra natal, já que esta ex-colônia gozava de tão má reputação no senso comum português. Acusado de conspirador, *Manuel* é levado ao tribunal, onde é criticado porque “regressara repleto de vícios inerentes às terras novas, desprovidas de tradição, em que actuam toda a sorte de precipitados sociais” (RIBEIRO, 1958: 316 apud VIEIRA, 1991, p. 164). Os infortúnios da personagem sucedem-se, enfim, como consequentes das representações sociais do Brasil em Portugal.

Dentre outros escritores da literatura portuguesa moderna que se debruçaram sobre as dificuldades enfrentadas pelos emigrantes portugueses no Brasil e sobre as relações bilaterais transatlânticas, Vieira (1991) cita Jorge de Sena, José Rodrigues Miguéis e Vitorino Nemésio, concluindo, no entanto, que, inclusive entre esses autores contemporâneos, as imagens do Brasil na literatura portuguesa têm sido de cariz mais negativa do que positiva, sobretudo na ficção. Em geral, as alusões ao Brasil nos textos literários portugueses dos últimos séculos circunscrevem-se à reprodução de características de paisagens brasileiras, nomeadamente as reconhecidas como tropicais, exóticas e “selvagens”. Além dessas temáticas, têm sido recorrentes as narrativas sobre a emigração portuguesa para o Brasil e sobre os *torna-viagens* em Portugal; sobre a sensualidade da mulher brasileira, personificada pela mulata libertina que corrompe a vida dos homens portugueses; sobre uma alegada malandragem dos brasileiros e os “vícios imorais” dessa população; e sobre a língua portuguesa falada no Brasil, ainda atualmente alvo de zombarias e críticas em Portugal (LISBOA, 2007).

De acordo com Vieira, essas representações, para além de expressarem o parco interesse dos literatos portugueses em relação ao Brasil como assunto literário, demonstram a ausência, entre a sociedade portuguesa como um todo, de um autêntico conhecimento cultural sobre o Brasil e seus nacionais. Outrossim, este autor afirma que, excetuando uma minoria de escritores e intelectuais que tiveram contatos e experiências pessoais no Brasil, há, em Portugal, pouca evidência de apreço pela cultura brasileira, a não ser por algumas expressões artísticas que correspondam às representações assentes na memória social portuguesa, como as telenovelas e certas músicas e danças que sugeriram o erotismo e a sensualidade brasileira<sup>18</sup>.

A respeito desse desconhecimento dos portugueses pelas várias manifestações culturais brasileiras, Lourenço (1999) destaca que, atualmente, há diversos literatos de Moçambique, Angola e Cabo-Verde, como Craveirinha, Pepetela, Mía Couto, que são conhecidos em Portugal, e suas obras estudadas nas escolas e universidades portuguesas. No entanto, os equivalentes brasileiros desses escritores africanos (lusófonos) estão confinados ao século XVIII, alguns ainda ao século XIX, “tão afastados de nós como nós mesmos estamos

de Basílio da Gama, ou mesmo de Tomás Gonzaga” (LOURENÇO, 1999, p. 167). Lourenço (1999) também refere que, em curto tempo, os portugueses passaram a conhecer algumas obras de Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Manuel Bandeira e, principalmente, Jorge Amado, autor de *Gabriela Cravo e Canela*<sup>19</sup>.

Ainda para este ensaísta e crítico literário português, a produção literária contemporânea do Brasil, como as obras de Moacyr Scliar, Murilo Rubião, Rubem Fonseca, são completamente desconhecidas em Portugal. E é precisamente nesse sentido que Saraiva (s/d)<sup>20</sup> também observa que, no Portugal contemporâneo, os livros brasileiros são editados com menor frequência do que nos anos 50 do último século. No entender deste acadêmico, embora existam relações mais próximas entre os literatos dos dois países e entre escritores brasileiros e estudiosos portugueses, continua não sendo vasto o conhecimento da literatura brasileira em Portugal, nem tampouco das culturas que compõem o Brasil. Jorge Amado, Chico Buarque (especialmente por causa da produção musical) e Paulo Coelho, por exemplo, são os escritores brasileiros mais conhecidos entre os portugueses (Ibidem).

Deste modo, os entraves políticos e culturais que têm protagonizado as relações bilaterais entre Brasil e Portugal parecem dificultar, em ambas as margens do Atlântico, o processo de construção de conhecimentos acerca das realidades brasileiras e portuguesas. No que concerne aos múltiplos estereótipos do Brasil que, desde a *literatura de viagens*, vêm sendo produzidos pela literatura portuguesa, importa-nos perspectivar as composições identitárias do Nós e do Outro que, nas entrelinhas de narrativas ficcionais, expressam simbolismos de ordem histórico-cultural. Assim, imagens-chave como a do selvagem ‘*inocente*’ e ‘*dócil*’, a da mulata depravada ou a do malandro brasileiro, ‘*grosso, trigueiro com tons de chocolate*’, afiguram-se valiosas para pontuarmos a identidade brasileira, século a século, reconstruída em Portugal.

**Abstract:** *This paper presents a brief scenario of the images of Brazil published in Portuguese literature, from Caminha’s Letter to the current productions. We understand the literary texts as artistic productions related to their social, historical and cultural contexts. We approach how Brazilian identity has been constructed in the Portuguese imaginary from this perspective.*

**Keywords:** *Brazil. Portugal. Literature. Imaginary.*

## Notas

---

<sup>2</sup> A *literatura de viagens* caracteriza-se como um universo literário que se constituiu com base nos registros das experiências dos navegadores, em período de expansão ultramarina européia. Radicava na necessidade pragmática de documentar rotas, condições atmosféricas, acidentes e todos os elementos que pudessem facilitar a repetição e o prosseguimento dos percursos trilhados pelos “descobridores”. Essas narrativas revelavam, também, as memórias e os testemunhos, as percepções dos viajantes acerca das distintas realidades com as quais se deparavam. Definição expressa em <http://www.instituto-camoes.pt/CVC/literatura/litviagens.htm>.

<sup>3</sup> Não integra o propósito deste estudo analisar a problemática, bastante discutida nas últimas décadas, sobre a versão oficial da chegada dos navegadores portugueses no Brasil, especialmente no que diz respeito à “intencionalidade” ou “casualidade” que caracteriza esse evento histórico.

<sup>4</sup> Entre outros motivos, os nativos impressionavam por estarem “todos nus, sem nenhuma coisa que lhes cobrisse suas vergonhas” (CAMINHA, Quinta-feira, 23 de Abril de 1500. In: CORTESÃO, 2000, p. 6).

<sup>5</sup> A personagem *Marta Gil*, uma regateira, era a única que parecia ter um conhecimento sobre o Purgatório. Sabia que a oração e o arrependimento poderiam salvá-la do degredo no Brasil.

<sup>6</sup> Como demonstra Ribeiro (1999), Garrett aconselhava os escritores brasileiros a descreverem o Brasil em suas obras, no intuito de que fosse desenvolvida uma literatura propriamente brasileira.

<sup>7</sup> De acordo com Vieira (1991.), o interesse de Garrett pelo Brasil teria realmente começado antes de 1822, quando este literato, ainda jovem estudante da Universidade de Coimbra, e seus conhecidos brasileiros, inspirados pelas ideias liberais que paulatinamente se difundiam em Portugal, participavam nas organizações secretas dos movimentos que denunciavam o regime absolutista e defendiam a Revolução de 1820. Durante aqueles anos de agitação política, Garrett adquiriu significativos conhecimentos sobre o Brasil e os brasileiros, empolgando-se com a atmosfera política da altura. Resultou desse interesse a ode intitulada *O Brasil Liberto*, escrita em 1821, em Coimbra.

<sup>8</sup> “Influenciado pela filosofia de Rousseau – o homem é livre por natureza, mas a sociedade corrompe-o e eventualmente condu-lo à desigualdade e ao despotismo –, Garrett, avesso a todas as formas de opressão, aspirava ao que não fosse corrompido pelas cobiçosas mãos do homem civilizado” (VIEIRA, 1991, p. 79).

<sup>9</sup> Os *brasileiros de torna-viagem* eram imigrantes portugueses no Brasil que, nomeadamente nos séculos XIX e XX, retornaram a Portugal, levando, em geral, considerável poupança financeira e aparentes mudanças comportamentais. Em Portugal, o exibicionismo da trajetória desses emigrantes destacava-se, sobretudo, nas decorações de suas luxuosas casas, nas vestimentas, nos hábitos alimentares, nos valores morais, nas convicções e práticas de sociabilidade, nos sotaques linguísticos. Essas alterações, com efeito, remetiam às expectativas e crenças subjacentes no imaginário português sobre o Brasil e os brasileiros, ou melhor, constituíam traços inscritos no universo simbólico difuso de referências estereotipadas. Esses essencialismos semânticos encontravam-se de tal modo sedimentados em Portugal que a esses emigrantes de nacionalidade portuguesa fora atribuída a alcunha de *brasileiros de torna-viagem* ou, simplesmente, *brasileiros* (ALVES, 2000; MACHADO, 2003).

<sup>10</sup> Interessante salientar que Camilo Castelo Branco tinha uma rivalidade pessoal com um *brasileiro de torna-viagem*, de nome Manuel Pinheiro Alves, marido de Ana Plácido, uma paixão de Camilo. Devido ao envolvimento pessoal com Ana Plácido, este literato foi levado à prisão por Pinheiro Alves, suicidando-se tempos depois.

<sup>11</sup> A importância da língua como indicativo do baixo índice de civilidade do brasileiro era substancial nas representações do Brasil no Portugal oitocentista. Pesquisas recentes comprovam que, também no atual cotidiano português, as representações do Brasil comportam essa conotação simbólica da língua portuguesa falada nesse país (Cf. LISBOA, 2007).

<sup>12</sup> O *antilusitanismo* brasileiro foi desencadeado pela tentativa de nacionalização do comércio a varejo no Brasil, completamente dominado pelos portugueses, mesmo após a independência desse país. Os tumultos que

---

repercutiram com maior gravidade foram os ocorridos em 1848, em Pernambuco, e em 1873-1874, na antiga província do Pará (CERVO & MAGALHÃES, 2000).

<sup>13</sup> Nos últimos anos, os índices estatísticos da imigração brasileira em Portugal não chegam a um consenso numérico e sempre evidenciam oscilações expressivas a cada ano de avaliação. Em Setembro de 2005, os brasileiros constituíam a maior comunidade estrangeira residente em Portugal, totalizando 85.344 imigrantes com documentação regularizada. Se também forem contabilizados os imigrantes brasileiros que, naquele país, estão sem a documentação legal, estima-se que a comunidade brasileira ultrapasse 100.000 pessoas, conforme dados do Alto Comissariado para a Imigração e Diversidade Étnica, disponíveis em Boletim Informativo n. 32, Setembro 2005.

<sup>14</sup> Foi na revista *Atlântida*, inclusive, que o conceito de *comunidade luso-brasileira* apareceu pela primeira vez. Na edição de lançamento, o escritor João de Barros, na sua definição dos objetivos dos editores de *Atlântida*, escreve: “E mais pensava, também, que toda a sorte de interesses, dos moraes aos económicos, dos espirituas aos práticos fazia de Portugal e do Brasil uma comunidade perfeita, com o mesmo ideal latino, com a mesma força de inteligência e de alma, com a mesma perfeita sensibilidade social” (ATLÂNTIDA, I, 1 [1915], p. 6, apud VIEIRA, 1991, p. 135).

<sup>15</sup> Esta disciplina apenas foi inaugurada em 9 de Junho de 1923. Na década seguinte, mais precisamente em 1937, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, fundou-se a Sala Brasil, que se tornou o Instituto de Estudos Brasileiros em 1941. Nessa instituição de ensino portuguesa, somente em 1957 fora criada a cadeira de literatura brasileira, sendo que, em 1972, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto também inseriu a referida disciplina na grade curricular dos seus cursos (CERVO & MAGALHÃES, 2000).

<sup>16</sup> Como demonstra Berrini (2003), inclusive Machado de Assis, proeminente personalidade literária do Brasil, pouco divulgou seus trabalhos em Portugal, pois no século XIX era forte a resistência da elite cultural portuguesa frente à produção artística e literária brasileira.

<sup>17</sup> O Modernismo brasileiro designa-se como o movimento artístico-cultural que compreendeu uma diversidade de correntes estéticas de vanguarda, a partir das quais se buscou repensar as realidades e a cultura brasileiras, redefinindo a identidade do Brasil. Na base dos ideais preconizados, trabalhava-se com a concepção de modernidade em oposição à ideia de tradição e do antigo. O movimento teve como marco simbólico a Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo em 1922, organizada por um grupo de intelectuais e artistas por ocasião do Centenário da Independência. Nesse evento, declarou-se a ruptura com o tradicionalismo cultural associado às correntes literárias e artísticas anteriores (o parnasianismo, o simbolismo e a arte académica), na defesa de um novo paradigma estético e do compromisso com a independência cultural do país. Heitor Villa-Lobos, na música; Mário de Andrade e Oswald de Andrade, na literatura; Victor Brecheret, na escultura; Anita Malfatti e Di Cavalcanti, na pintura, são alguns dos participantes que assinalaram a abrangência e heterogeneidade da Semana de Arte Moderna (LAFETÁ, 2000; BERRINI, 2003).

<sup>18</sup> Cf. Lisboa (2007).

<sup>19</sup> A telenovela brasileira *Gabriela* baseia-se no livro homônimo de Jorge Amado. Esta telenovela inaugurou, em 1977, a exibição de telenovelas brasileiras em Portugal, alcançando elevados índices de audiência. *Olhai os lírios do campo* foi outra telenovela adaptada de uma obra literária, escrita por Érico Veríssimo, e transmitida em Portugal, entre 1981 e 1982.

<sup>20</sup> Em análise sobre as relações literárias entre Portugal e Brasil, no âmbito da pesquisa realizada pelo Datafolha, em 1999. Disponível em [http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/500\\_18.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/500_18.htm).

## Referências Bibliográficas

ALVES, Luís A. M. O brasileiro: ausência e presença no Portugal oitocentista. In: PORTUGAL, Comissão Nacional para os Descobrimientos Portugueses. *Os brasileiros de torna-viagem no Noroeste de Portugal*, Lisboa, v. I, 2000.

---

BERRINI, Beatriz. *Brasil e Portugal: a Geração de 70*. Porto: Campo das Letras, 2003.

BRANCO, Camilo C. *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros* (comentado por Camillo Castello Branco). Lisboa: Mem. Martins: Europa-América, 1984.

CASTRO, Fernanda de. *Ao fim da memória (1906-1939)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1986.

CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queiroz, agitador no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

CERVO, Amado L. & MAGALHÃES, José C. de. *Depois das Caravelas*. As relações entre Portugal e o Brasil (1808-2000). Organização e apresentação de Dário Moreira de Castro Alves. Lisboa: Instituto Camões, 2000.

CORTESÃO, Jaime. *A carta de Pêro Vaz de Caminha*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000.

COUTO, José Geraldo. Portugueses diluem história do Brasil. *Folha on line*, s/d. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/500\\_18.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/500_18.htm)>. Acesso em 23 de Fev. de 2006.

DIMAS, António. Bilac em Lisboa. *Via Atlântica*, n. 2, Julho 1999. Disponível em <[http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02\\_15.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02_15.pdf)>. Acesso em 10 de Jun. de 2006.

LAFETÁ, João L. 1930. *A crítica e o Modernismo*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LISBOA, Wellington T. *O Brasil no imaginário português contemporâneo: mitos coloniais e reactualizações mediáticas*. Coimbra, 2007. 155p. Mestrado em Comunicação e Jornalismo. Universidade de Coimbra.

LITERATURA de viagens. Instituto Camões, 1981. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/CVC/literatura/litviagens.htm>>. Acesso em 12 de Agosto de 2006.

LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.

MACHADO, Igor J. de R. *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Campinas, 2003. Doutorado em Ciências Sociais. Universidade de Campinas. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~igor/public/carcere%20publico%204.pdf>>. Acesso em: 04 de Dez. de 2005.

MÓNICA, Maria F. (org.). *As Farpas*. Crónica mensal da política, das letras e dos costumes. Lisboa: Principia, 2004.

PACHECO, Isabel M. de J. O imaginário da Carta de Caminha nas propagandas turísticas da Costa do Descobrimento – A Revista Bahia Terra da Felicidade. *Revista Espaço Acadêmico*,

---

n. 37, Jun. 2004. Disponível em:  
<<http://www.espacoacademico.com.br/037/37epacheco.htm>>. Acesso em: 27 de Maio de 2006.

PEIXOTO, Maria D. F. A Revista Brasil-Portugal (1907-1910). *Elementos para uma leitura das relações culturais luso-brasileiras*. Coimbra, 2000. 103p. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Universidade de Coimbra.

RIBEIRO, Maria A. Imagens do Brasil na obra de Garrett: invocações e exorcismos. *Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n. 8, Janeiro-Março, 1999. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/revista/imgbrasil.htm>>. Acesso em: 29 de Jun. de 2006.

SEABRA, José A. A descoberta do Outro na Carta de Pêro Vaz de Caminha. *Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, nº 8, Janeiro-Março, 2000. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/revista/descbroutro.htm>>. Acesso em: 23 de Maio de 2006.

TORGA, Miguel. *A criação do mundo*. v. I. 4. ed. Coimbra: Edição do Autor, 1969.

VARGUES, Isabel N. Cultura e política. Relações luso-brasileiras nas mudanças do regime (1889-1974). In: SZESZ, Christiane M. et al. (orgs.) *Portugal-Brasil no século XX: sociedade, cultura e ideologia*. Bauru: EDUSC, 2003.

VIEIRA, Nelson H. *Brasil e Portugal – a imagem recíproca*. O mito e a realidade na expressão literária. Lisboa: Ministério da Educação – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.